

artigo

A origem da moda a partir do *dasein*

The origin of fashion from dasein

Ler Heidegger é desdobrar em si mesmo a experiência da negatividade e aceitar o convite de migração para fora da experiência do ser como presença.
Juliano Garcia Pessanha (2018)

ASTRID SAMPAIO FAÇANHA¹

resumo

Ensaio de caráter experimental, com interpretação espontânea da filosofia hermenêutica de Martin Heidegger (1889-1976), como forma de questionar a essência² na aparência, isto é, no ser-aí do fenômeno³ Moda. Recorrer a Heidegger como pensador do enigma entreposto nas fissuras e nos abismos do plano empírico significa contrapor-se ao dogmatismo da metafísica⁴ tradicional, através de uma maiêutica⁵ a qual questiona a si própria. O ensaio parte do conceito de *dasein*⁶ para pensar uma ontologia do ôntico, a partir da ontologia essencial de Heidegger. O desviar do pensamento habitual da ciência e da técnica⁷, voltada apenas para as estruturas constitutivas a flanquear a existência de um fenômeno, tal qual a Moda, é paradoxalmente desabrigar⁸, deixar cair o pano da armação⁹ e da armadura no combate¹⁰ de encobrir e *des-cobertaro* o enigma fundamental.

palavras-chave

Moda; Essência; Aparência.

abstract

Experimental essay, with free interpretation of Martin Heidegger's (1889-1976) hermeneutic metaphysics, as a way of questioning the essence and origin of Fashion as a phenomenon. To resort to Heidegger as a thinker of the enigma, placed in the cracks and abysses of the empirical plane, means opposing the dogmatism of traditional metaphysics, for a maieutic that defies itself. The essay takes the being-there of Fashion, the dasein, as a privileged starting point to come up with an ontology from the ontic, as proposed by Heidegger's essential ontology. To deviate from the usual thinking of science and technique that only turns to the constitutive structures that flank the existence of a phenomenon, such as Fashion, is paradoxically to drop the cloth of the frame and armor that engages in combat, tucking in and un-covering up the fundamental enigma..

keywords

Fashion; Essence; Appearance.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA-USP); na linha de pesquisa em Teoria e Crítica de Arte e orientada pela Profa. Dra. Lisbeth Rebollo

Se há algo que se coloca aí como origem, segundo Heidegger, em *A origem da obra de arte*, "... a partir do qual e pelo qual algo é aquilo que é como é"¹¹, a intenção deste ensaio é justamente questionar o que há de "algo aí", recolhido e retido na Moda, a partir do que Heidegger se refere como *dasein*. Heidegger refuta a ontologia tradicional como disciplina filosófica a cumprir uma função previamente dada: "Ao contrário, é a partir da necessidade real de determinadas questões e do modo de tratar imposto pela 'coisa em si mesma' que, em todo caso, uma disciplina pode ser elaborada (Heidegger, 2012, p. 55). Pensar na coisa em si,

²**Essência:** na linguagem da filosofia, essência significa o que algo é, em latim: *quid. A quidditas*, o que dá algo *washeit*, O que dá resposta para a questão da essência (HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, p. 391, 2007. O que contém todos os tipos de um gênero. A essência da técnica é a armação, é o gênero comum para tudo o que é técnico. Não designa nenhum objeto ou qualquer tipo de aparelho. Muito menos designa o conceito universal de tais subsistências, a essência da técnica se realiza no acontecimento da verdade.

³**Fenômeno:** significa mostrar-se, diz o que se mostra e o que se revela. Trazer para claridade, pôr à luz. Associação à aparência no sentido do que parece e aparece. Nem sempre o fenômeno é o que se apresenta, apenas se apresenta assim. "Somente na medida em que algo pretende mostrar-se em seu sentido, isto é, algo pretende ser fenômeno, é que pode mostrar-se como algo que ele mesmo não é, pode apenas se fazer ser assim como..." (HEIDEGGER, 2012, p. 57). Há um sentido originário não esclarecido de "manifestação".

⁴**Metafísica:** ramo da filosofia que estuda os problemas centrais do pensamento filosófico, ou seja, o ser como tal, absoluto, Deus, o mundo, a alma. Nesse sentido, a metafísica engaja-se nas tentativas de descrever as propriedades, princípios, condições e causas profundas da realidade e seu significado e propósito. Para Heidegger, a metafísica tradicional não dá conta de lidar com a finitude do ser, que acaba sendo ignorado no método dogmático, estabelecido a priori e que se baseia na atemporalidade e na universalidade.

⁵**Maiêutica:** Método socrático de chegar-se a uma verdade fundante, através do questionamento.

⁶**Dasein:** Ser-aí. Tudo aquilo que é posto e se põe e, que se funda na de-cisão e re-missão do ente.

⁷**Técnica:** ao que é técnico pertence tudo aquilo que conhecemos como sendo estruturas, camadas e suportes, e que são peças do que denomina como sendo uma montagem. Esta, contudo, com todo o seu conjunto de peças, recai no âmbito do trabalho técnico, que sempre corresponde apenas ao desafio da armação (HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, p. 385, 2007). Heidegger refuta a determinação somente instrumental, antropológica da técnica, a qual é atribuído um esclarecimento metafísico ou religioso.

⁸**Desabrigar:** mostrar o oculto na verdade.

⁹**Armação:** na armação acontece o descobrimento, segundo o qual o trabalho da técnica moderna desabriga o real como subsistência, destino e perigo (HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, p. 390, 2007). Um constituir, uma configuração que desabriga o produzir, porém ameaça impedir a entrada num desabrigar mais originário. O perigo da armação está no impedir o aparecer e imperar da verdade. Onde há armação há perigo em sentido extremo. Enquanto destino, aponta para o desabrigar do tipo do requerer e por. Impossibilita o surgir à frente no aparecer aquilo que se apresenta. Em comparação ao ser um, por que? desafia, impulsiona na relação a oposta para aquilo que é. A armação desafia a requerer. É considerada por Heidegger a essência da técnica moderna que funda e é fundada no paradigma do estar à disposição para ser colocado em uso, que nem a humanidade escapa. É a reunião (o ajuntamento) daquele por que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo de requerer enquanto subsistência. Armação significa o modo de desabrigar que impõe na essência da técnica moderna e não é propriamente nada de técnico.

¹⁰**Combate:** segundo Heidegger a essência do combate não é a discórdia e a desavença que conhecemos como distúrbio e destruição. No combate essencial, os combatentes elevam-se um ao outro na auto-affirmação do ser-estar-a-ser. Neste sentido, o combate opõe-se à dialética de Hegel, em que a síntese é resultado de um combate como oposição e a destruição é o pressuposto do canibalismo posto na tese e antítese para que haja a síntese como processo de criação e disposição.

¹¹ HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*; Trad. Irene Borges-Duarte & Filipa Pedroso. São Paulo: Edições 70 & Almedina, 2010, p. 7.

para Heidegger, é um desvio da circularidade hermenêutica¹², na presença comprometedora do ente que se relaciona e se comporta, no estar-aí no mundo. Para Heidegger: “o ser-no-mundo¹³ é uma constituição necessária e a priori de presença”¹⁴. A Moda como presença fundada no empírico foi posta na claridade da ciência e da hermenêutica apenas no final do século passado¹⁵, porém, sua essência e aparência continua a ser investigada. Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento são desafiados pela complexidade do fenômeno a pensar a Moda, a partir da própria área de especialização¹⁶. Por outro lado, no doar-se e no colocar-se à disposição do desafio requerido na armação da técnica e na hermenêutica, a Moda foi apreendida e retida por um corpo científico multidisciplinar imposto, de fora para dentro. No recusar-se sair da abertura em que se recolhe, a Moda acabou se expondo às teorias fragmentadas e movediças, afundadas na impossibilidade de uma meta-narrativa que pretende dar conta de todos seus dilemas.

Heidegger é um pensador do moderno, fincado na tradição. Suas questões fluem em torno do que há de primordial e essencial na filosofia: o “ser”, conceito aparente, o qual ele afirma ser o mais obscuro de todos. Opõe-se à própria metafísica a se ocupar deste assunto, por levar a questão do “ser” para uma esfera transcendental e universal, a qual, para Heidegger, enfraquece e distancia o ser de sua essência. Propõe, no lugar do pensamento abstrato e conceitual da ontologia¹⁷ metafísica, sua “ontologia essencial”, com base no ôntico¹⁸, isto é, na hermenêutica de uma existência prática e concreta do ente, a partir de seu ser-aí (*dasein*), no mundo. O filósofo atribui a si próprio a tarefa de recolocar a questão do “sentido do ser”¹⁹, distanciado na ontologia da substância e da matéria da metafísica tradicional, a qual trata tudo como “coisa”, como objeto de um sujeito. Em *A coisa* (2002), Heidegger argumenta que, apesar daquilo que nos é posto na proximidade como coisa, não é de fato conhecido, pois não há uma reflexão sobre a coisa em si, sobre o ser da coisa, o que há de coisa na coisa, que retém e recolhe.

O ente heideggeriano, por sua vez é o que há de mais próximo daquilo que é o que é, de mais universal, em tudo o que existe (tudo é ente)²⁰. Este ente, porém,

¹² **Hermenêutica:** teoria da interpretação, a hermenêutica de Heidegger é voltada para o ser-aí, isto é, para existência como aquilo que encobre a essência.

¹³ **Mundo:** o mundo é a abertura que se abre das longas vias das decisões simples e essenciais do destino de um povo histórico.

¹⁴ HEIDEGGER, M. ”A coisa”. In: *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 91.

¹⁵ FAÇANHA, A. ”A moda como campo do saber”. *Anais do 7º Colóquio de Moda*, Maringá, 2011.

¹⁶ Aqui cabe comparar e se apropriar do termo ”malabarismo conceitual” posto por Heidegger.

¹⁷ **Ontológico:** Investigação teórica do ser. Ramo da metafísica que estuda a origem do ser.

¹⁸ **Ôntico:** estudo da existência prática e concreta do ser-aí em toda sua complexidade.

¹⁹ **Ser:** o ser para Heidegger mostra-se como sobrevento desocultante (HEIDEGGER, M. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 42B) em contrapartida ao ente enquanto tal, no sentido do advento que se esconde. De acordo com Heidegger: ”Neste sentido, sobrevento e advento são considerados na unidade, em que são sustentados distintos e identificados na de-cisão desocultante-ocultante de ambos”.

²⁰ **Ente:** a origem do ente está tanto no que tem de específico quanto no que se estabelece a partir de suas relações com o mundo. Pode ser considerada a mais universal de todas as noções. Tudo o que existe pode ser categorizado como ”ente”, inclusive figuras abstratas. É tudo em cuja existência se acredita. Heidegger coloca o ente e o ser no mesmo pertencer que desabriga e recolhe. Em *Identidade e diferença* (2018) ele diz o seguinte:

depende da ligação e cisão com o *ser*, que lhe dá fundamento e que pelo ente é fundado. Com esta proposta, em um único golpe, Heidegger desfaz dois grandes equívocos e contradições: referir-se à coisa como substantivo e pensar o ser como metafísico. O *dasein* de Heidegger, ao se abrir e se recolher, desfaz a aporia do *ser do ente*, a partir de um movimento afundado na terra²¹ que não pode ser visto apenas na claridade do mundo.

A DÚVIDA COMO FUNDADORA

Na dúvida de qual direção tomar no trajeto heideggeriano, "A origem da obra de arte" (2010) insinuou-se no abrir-se para o desafio posto na Moda pelo seu ser-aí. Adentrar a lógica de Heidegger é aceitar que nada vem de antemão, a não ser o encontrado no procurar uma direção. É preciso parar e perguntar o tempo todo, pois, no questionamento constrói-se o caminho da procura²². Heidegger aconselha a desfazer-se do fardo das proposições e das nomenclaturas e procurar desviar da rota já pavimentada com especulações convincentes, achatadas na lógica positivista da generalidade e do reducionismo. Em Heidegger, o que há a ser revelado vem de um acontecer e não acontece sem o pôr-se-aí-a-requerer-saber e o aceitar desvios e reviravoltas. Percebe-se, logo, que não há como forçar o desvelamento, como se este fosse um desafio requerido e enviado pela armação da técnica e da ciência²³. Há que se deixar sair e entrar na caverna de Platão. Para Heidegger, a claridade só aparece no final do percurso da escuridão, como a madrugada surge do recolhimento da noite.

O presente ensaio partiu de leituras e discussões nas aulas remotas da disciplina "História da Filosofia Moderna II", mediada pelo Prof. Dr. Marco Aurélio Werle, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universi-

"O homem é manifestamente um ente. Como tal, faz parte da totalidade do ser, como a pedra, a árvore e a água (HEIDEGGER, M. *Identidade e diferença*. São Paulo: Vozes, 2018, p. 14). E mais adiante: "Na medida em que ser acontece como fenômeno com ser do ente, como diferença, com de-cisão, perdura a separação e união do fundar e fundamentar; o ser funda o ente, este, enquanto o mais ente fundamenta o ser. Um sobre-vém ao outro, um ad-vém no outro. Sobrevento e advento aparecem mutuamente enviescados no re-flexo que os opõe. Dito a partir da diferença isto significa: "A de-cisão é um circular, um circular de ser e ente um em torno do outro" (p. 46). Apesar de estarem mutuamente eviscerados na unidade em que são sustentados (isto é, na classificação e denominação de cada um) a diferença entre ser e ente é exatamente a diferença entre sobrevento (disruptivo) e advento (aparecimento).

²¹ **Terra:** para Heidegger a terra é o surgir diante, não impelido para nada daquilo que constantemente se encerra e que, assim, põe a coberta. Mundo e terra são essencialmente distintos e, no entanto, não estão separados. "O mundo funda-se na terra e a terra irrompe pelo mundo" (HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. São Paulo: Edições 70 - Almedina, 2010, p. 46).

²² HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, p. 375-98, 2007 / HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

²³ **Técnica moderna:** de acordo com Heidegger, um desabrigar que desafia. Heidegger refere-se à técnica moderna como a que vem com o domínio da ciência sobre a natureza. O desafiar vem justamente deste colocar a natureza a ser cedida e a ser disposta para uso, sem que haja um consentimento. A essência da técnica moderna é a armação que por sua vez oculta a verdade no ser. O humano enquanto ser-aí da armação, isto é, da essência da técnica moderna, posta aí por ele próprio, passa a seguir a mesma lógica do estar à disposição para ser colocado em uso. A moderna teoria física da natureza, segundo Heidegger, é a preparação, não da técnica, mas da essência da técnica moderna.

dade de São Paulo (FFLCH-USP), durante a pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2020. No isolamento forçado à leitura recolhida do acolher de uma marquise, os seguintes escritos do filósofo alemão Martin Heidegger foram desdobrando-se: *A origem da obra de arte* (2010); *Identidade e diferença* (2018); *Ser e tempo* (2015); *A coisa* (2012); *A positividade da teologia* (2008); *A essência da verdade* (2008); *A teoria platônica da verdade* (2008) e *O que é metafísica* (2008). A cada fissura do pensamento, *um abrir para o que sempre esteve oculto*, quando não há nada mais a ser revelado. Acomodado no mistério da presentificação, o ente apresenta-se na moda, no *dasein*, o ser-aí no mundo. A busca da essência e origem, isto é, de uma hermenêutica da Moda, trouxe o enigma do encobrimento, apenas no último ensaio heideggeriano lido: *A questão da técnica* (2007).

Em "*O que é Metafísica?*" (2008), Heidegger observa que, na dificuldade em discorrer sobre algo, basta abordar um ou outro aspecto deste, para sermos transportados imediatamente para o seu interior. Começamos com o aspecto mais evidente da Moda, sua fatalidade velada do *historial*, posto-aí perante, como se fosse, ao mesmo tempo, uma origem e um fim. Pensar na forma (*historial*), de acordo com Heidegger, em "Identidade e diferença" (2018), é representar o ser de um modo que ele jamais se dá, de fato. Por outro lado, acaba por reter e recolher no ente a questão do "ser", no que tem de mais geral e universal. O modo *historialmente* destinado a definir o ente não pode ser como se pretende, pois: "...não se dá em série, como maçãs, peras e pêssegos arranjados sobre o balcão da representação histórica"²⁴. O balcão da representação histórica retirado de Hegel transfere-se ao mundo colocado como uma lista de coisas (ítems) a *co-existir* na comunidade de uma classificação genérica e temporal. A existência como um enquadramento imaginado para além de si mesma, uma linha do tempo linear riscada na lousa.

Validado na hermenêutica da moda a ocultar a ele a essência, o paradoxo do argumento *historial* é posto como *pre-texto* e *con-texto*, para a origem e causa do ente. Como se a este fosse negado seu ser-estar-aí na Moda, em qualquer outra condição. Para Heidegger, o *historial* é sempre uma imposição da generalidade e da mediação do discurso sobre o objeto do pensamento (Heidegger, 2012, p. 43). Curiosamente, a mesma metafísica que sustenta o argumento *historial* da Moda não dá conta de precisar sua origem. Não há cavernas de Lascaux com rastros sobre o vestir originário. Nem fósseis desenterrados para encobrir o desnudado julgado no pecado da carne o qual funda a história da indumentária e por ela é fundado. O conceito do ser-aí-do-ente-roupa-na-moda, por sua vez, é acolhido no desabrigar da cisão da técnica e da arte, isto é, no embate da revolução industrial e dos ateliês de alta-costura²⁵.

²⁴ Aqui Heidegger alude ao exemplo mencionado por Hegel, para caracterizar a generalidade do geral, que consistia em não encontrar frutas para comprar quando se refere às frutas em geral. Para conseguirmos comprar uma fruta ou outra temos que dizer a qual fruta em-si nos referimos. (HEIDEGGER, M. *Identidade e diferença*. São Paulo: Vozes, 2018, p. 4).

²⁵ No auge da revolução industrial do século XIX, surge, em Paris, as primeiras *Maison* de Alta Costura, pequenos ateliês independentes. Historiadores de moda, tal qual Didier Gumbrach, atribui a este fenômeno espaço/temporal a gênese do desvelamento da moda.

O equívoco velado na hermenêutica da Moda está no seu *caráter de aberto ao mundo*. Universalidade a firmar-se na contingência do fenômeno edificante e edificado na originalidade imposta a reter a ela uma origem; sem que este paradoxo seja debatido em termos da *moda-em-si*²⁶. Por fim, cabe questionar se haveria outro abrir-se para o ser-aí Moda, que não fosse se fechar na visibilidade de sua negação? Os ritos de renovação da moda, desenterrados da síntese ontológica que os funda, condenados à técnica da repetição infinita?²⁷ O que há de origem no *dasein* se coloca à disposição para ser *apreendida* e vivida, inesperadamente, no ensaio "A positividade da teologia"²⁸.

Ao discorrer sobre Teologia como ciência positiva, a partir da qual se estabelece uma aproximação com a filosofia, Heidegger questiona o que há na Teologia enquanto ciência positiva que acerta a pontualidade e a exatidão da existência como chancela da verdade e do real mas que encobre o desvelamento fundante de um ente previamente jacente para a Teologia²⁹. No que jaz *posto-de-antemão*, se confirma o classificado no gênero fundado na comunhão da fé coletiva; no acontecimento histórico em detrimento da verdade desvelada no acontecer.

Contrariando a Teologia, a fé depositada na Moda não é calcada em um acontecimento histórico primordial, como o cristianismo que antecede a Teologia, porém, está atrelada à história da indumentária como a história do encobrimento e da expulsão. Por outro lado, a Teologia não é apenas a história do cristianismo, assim como, a Moda não é apenas o hábito que se origina na folha de parreira³⁰. Nem os povos originários podem afirmar sua origem na missão civilizatória do forçar a armação para o vestir-se como conversão do ser na técnica e na ciência. Há algo de desafiante³¹ na Teologia, segundo Heidegger, e também nos fiéis depositários da Moda e da Arte, que lhes é atribuído e renovado, mas os afasta da essência.

Questionar a Moda como desvelamento do que se restitui empiricamente na autoconsciência de uma história da indumentária, marcada em eventos que ela transcende, ao modo da Teologia à qual se funde e se renova na história do cristianismo, encobre a impossibilidade de continuar sustentando o que é habitualmente instituído³². O historial como origem da Moda, destituído da auto-

²⁶ Apenas nos últimos anos, o paradigma de-colonial começa a questionar a universalidade ocidental imposta à Moda e às outras formas de existência.

²⁷ D'ALMEIDA, T. *As roupas e o tempo*: uma filosofia da moda. Tese de Doutorado em Filosofia. São Paulo, Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, 2018.

²⁸ Fenomenologia e teologia, 1927 (HEIDEGGER, M. Fenomenologia e teologia. In: *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008).

²⁹ HEIDEGGER, M. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.

³⁰ Quando a pesquisadora visita o Centro de Referências do *Costume Institute no Metropolitan Museum of Art*, a bíblia é a primeira fonte com a qual se depara.

³¹ **Desafiar:** há na técnica moderna um "por que desafia" (HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, 2007, , p. 382) ou, por que desafiante. Como diz Heidegger: "O desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter de pôr o sentido de desafio. Isto acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformador ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado" (*Idem*, p. 383).

³² Conforme sustentado científicamente.

ridade de pré-determinação primordial, nada mais é do que a que se presta: à liturgia de continuidade de pautas que desafiam tanto a Teologia quanto a Moda, como forma de *apanhar algo que foi ameaçado pelo declínio*³³ e perceber o perigo onde há algo a que salvar.

O pressuposto *historial* posto como desafio da armação enviado à Moda e à disposição da técnica arrasta o cordão umbilical a impedir o rompimento anunciado com a Arte. Porém, não há equivalência na ruptura posta em desafio para fundamentar exposições em galerias e museus, sem que haja na Moda uma hermenêutica robusta, como a da Arte, para se acomodar. No dilema do desvelamento, pesa o mal-estar de cada ente reconhecer-se no *ser-aí*, no *dasein*, do outro, a *re-colher-se* e *des-nivelar-se*. Na Arte, há o constrangimento do aconchegar na mesma fenda aberta cirurgicamente na Moda, já que esta é habitualmente posta como armação da técnica que desabriga o que de utensílio há na coisa. Em se tratando da Moda, o incômodo insurge paradoxalmente no ser Arte, o que lhe desabriga e desobriga a condição de vestir; a qual na Arte só pode ser representada.

Na determinação da *coisidade* das coisas, em "A origem da obra de arte" (2010), Heidegger desmistifica a enunciação simples constituída por sujeito e predicado que nos é apresentado como se fosse: "...o parecer natural do nosso olhar às (próprias) coisas" (Heidegger, 2012, p.7). Portanto, a estrutura pré-determinada a postar-se entre sujeito e objeto estabelece um padrão de recepção às avessas da amparada na dicotomia forma e substância. Heidegger argumenta que poderia ser natural transpor o modo de compreender a coisa no enunciado para a estrutura da coisa ela mesma, se não fosse a contradição de que, para que assim o fosse, a estrutura da coisa haveria de ser revelada de antemão, sem que o mistério absolvesse as possibilidades hermenêuticas-filosóficas do fenômeno.

Para Heidegger, nem a estrutura do ente por si só dá conta do projeto de sua estrutura, nem o projeto simplesmente jaz na estrutura, ela mesma; já que a origem do ente está tanto no que tem de específico quanto no se estabelecer nas relações com o mundo. Por outro lado, o que se apresenta como orgânico, muitas vezes, é apenas o habitual de um hábito posto no mundo que "...há muito esqueceu o inhabit(ado) de onde surgiu"³⁴. A concepção fundamental no aparecer, para Heidegger, aparece no conceito usual e instituído das coisas, sem dar conta de aprender o-que-está-ai-a-ser. Afinal o que está aí na Moda que se apreende como tal?

Ao contrário de responder o que faz de um ente ou coisa ser uma obra de arte, Heidegger questiona: Qual o caráter de coisa na obra de arte? A resposta costuma ser a mesma habitualmente usada para se referir ao que tem de artístico na obra de arte: sua forma e materialidade. O que faz com que a obra de arte curiosamente seja considerada por seu caráter de objeto, de coisa. Porém, como síntese de matéria e forma, cada coisa só pode ser matéria enformada, definição que se aplica

³³ HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, 2007, p. 391.

³⁴ HEIDEGGER, M.. *A origem da obra de arte*. In: HEIDEGGER, M. Caminhos de floresta. GA 5. 2 ed. Trad.: Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 17.

não apenas às coisas produzidas e utilitárias, mas a qualquer coisa que está-aí no mundo. Portanto, extrair o que tem de coisa na Moda a distancia da Arte, no seu caráter de utilidade e ferramenta, porém, ao mesmo tempo a aproxima, através do caráter que Moda e Arte compartilham de algo ou coisa formada e eclo dida para apreensão. A isso que chamamos de técnica não pode ser considerado um mero recurso a se fazer; para Heidegger, se trata de um modo de desabrigar. Este algo a ser desabrigado na técnica está posto na palavra grega *téchne*, utilizada por Aristóteles (*Ética Nicómaco*, 6). *Téchne* não é apenas o fazer e poder do manusear, do encobrir e desencobrir, mas o colocar-se à disposição para que algo que *está-aí* seja desvelado. Neste sentido o *téchne in(te)rrompe* a cisão umbilical anunciada entre Moda e Arte, entre técnica e estética.



Fig. 1: 111 Items: Is Fashion Modern? 111 itens (coisas): É a Moda (arte) moderna? Exposição de Moda visitada pela autora, no cubo branco. (Fonte: Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova Iorque, janeiro de 2017).³⁵

Da teoria das quatro causas aristotélicas se pode tirar explicações tanto para o ente Arte quanto para o ente Moda, a partir do questionamento do que são: *Causa material*, de que é feita? *Causa formal*, como é? *Causa final*, por que é? *Causa eficiente*, o que (ou quem) a fez ser? Questionar as causas significa determinar a causalidade no ser-aí Arte e Moda. Heidegger se pergunta: Por que será que existem as quatro causas? O que há de unidade nas quatro, introduzidas por Aristóteles, que determinam a causalidade? Segundo Heidegger, enquanto não chegarmos ao questionamento da causalidade nas causas, estas continuarão a operar como meio, como instrumental do reagir e efetuar destituído de fundamento. A essência da Moda, assim como na Arte, não se encontra em cada

³⁵ Disponível em https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1638?installation_image_index=0
Acessado em 19/05/2023. 11:23h

uma das causas, mas as quatro causas são modos de comprometimento com a certeza, quando relacionadas entre si.

A *Causa eficiente* costuma ser habitualmente tomada como primordial, desde que se atribuiu ao artista ou artesão a origem da obra, porém Heidegger propõe pensar na *Causa final* como originária. De acordo com Heidegger em, *A origem da obra de arte*, atribuir a origem da arte unicamente ao artista é tão inoperante quanto esperar que a origem da Moda seja apenas o estilista, sem o qual nada há para ser revelado. Perguntar-se pela origem é indagar pela sua proveniência, portanto, não é de se estranhar que a concepção habitual sobre a origem da obra de arte esteja na atividade do artista. Poderíamos nos conformar com essa resposta se não levasse à outra questão anterior, assim posta por Heidegger: "Com tudo aquilo que o artista é, é-o por meio de quê e a partir de que?"³⁶ É a partir da obra que o artista se apresenta ao mundo, assim como, a obra se coloca à disposição do artista para o seu *ser-aí*. Obra e artista postos na peculiar condição de essência e aparência, um do outro, firmam no em si, o pacto anunciado de um terceiro elemento primordial, nunca posto de antemão, mas quando presente os nomeia e se fixa como origem de tudo.

Porém, onde e como há Arte na origem diante da qual se apresentam obra e artista? Heidegger não se conforma com a representação coletiva atribuída a que a palavra Arte pertence, posto a distância da *téchne* como origem e essência. Prefere acreditar em um sentido de via dupla em que a Arte só se funde como origem mediante obras e artistas, os quais, por sua vez, se realizam na Arte como origem. Especular sobre a origem da Arte é indagar sobre a essência na substância: O que é e como é uma obra de Arte? O que é e como é uma peça de Moda? A partir de Heidegger, o que a Arte é deveria poder ser desprendido do suporte da obra ou do vestir. Porém, na lógica da técnica posta como desafio a requerer de uma ciência, tanto na Arte quanto na Moda, é habitual recorrer aos métodos instituídos de análises comparativas entre pares, da subtração de diferenças em um mesmo gênero e do acolher das obras a partir do que tem de substrato material e excesso de conceito metafísico.

Tal método é invalidado se antes não soubermos o que é Arte ao invés de nos contentarmos com o que é dado como *artístico* (*künstlerisch*). De acordo com Heidegger, não se pode alcançar a essência de algo através de notas características e agrupadas para fins de classificação e análise³⁷. Os entes mesmos, como visto, não estão postos como presença em compartimentos isolados que os excluem da verdade, nem se afirmam na dedução de conceitos absolutos e totalitários. Para Heidegger, onde são praticados tais métodos só há ilusão e a verdade não tem lugar específico até nos colocarmos diante da obra em si e lhe perguntar o que é e como é?³⁸ Tal posicionamento, além de inverter e neutralizar a dicotomia sujeito e predicado (objeto) como determinante do ser, opõe-se ao colocar-se à vontade

³⁶ HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, M. *Caminhos de floresta*. GA 5. 2 ed. Trad.: Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 8.

³⁷ HEIDEGGER, M. *Op. cit.*, p. 9.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 10.

do dominar através da determinação instrumental da técnica de uma certeza que nem sempre é a verdade. Ao colocar Arte e Moda no centro desta questão, cabe questionar: O que Arte e Moda encobrem da armação como essência da técnica a requerer da ciência, que não está posto mas as põe na condição de subsistência, isto é, de *pré-disposição* a negar-se?

Para Heidegger, a certeza afirma sempre alguma coisa que é adequada ao que está à frente, porém, para ser correta, a afirmação não necessita *des-ocultar* sua essência que está à frente e que só acontece no que é verdadeiro. Portanto, o que é correto não significa ainda que é o verdadeiro. Heidegger insiste que apenas o verdadeiro pode nos levar a uma livre relação com o que nos toca a partir de sua essência. O desabrigar ou aproximar da essência passa pelo discernimento do que é correto, daquilo que é verdadeiro. O que acontece como uma causa mediante o qual uma outra coisa é efetuada não é apenas um meio para um fim. Um meio é algo pelo qual algo é efetuado e assim alcançado. Aquilo que tem como consequência um efeito denominamos causa. Contudo não somente aquilo mediante o qual uma outra coisa é efetuada, é uma causa. O fim, a partir do qual o meio se determina, também vale como causa desafiada pela armação. Heidegger explica esta transmutação: "Onde os fins são perseguidos, meios são empregados, e onde domina o instrumental, ali impera a causalidade"³⁹. A "Causa final", portanto, não apenas depende da "Causa material" (do que é feito) e da "Causa eficiente" (quem fez), mas as pre-escreve e as de-termina. É a causa que circunscreve e retifica. Com esse fim, que também é o começo, a coisa não se finda, mas inicia a partir de si o que será após sua fabricação. Este aspecto da coisa, na maioria das vezes tomado por objetivo e fim, na verdade, é o que compromete a obra de Arte e o vestir da Moda no que são de essência, na aparência do ser-ai.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Se, para Heidegger, há algo anterior ao artista e à obra que se oculta na Arte⁴⁰, portanto, no vestir há algo da Moda que antecede a própria roupa. Não há algo posto de antemão para que, no artista venha a ser Arte; nem constitui o vestir, um gesto oculto que a técnica não revela no fazer. Resta, portanto, a possibilidade do posto no ser-aí, no *dasein*, da Moda. É o vestir-se como essência e cuja origem se dá no requerer a Moda como e substância do seu modo de existência. Esta não pode ser contemporizada no ser-aí e, por seu intermédio, por sua própria decisão, nem ser oculta in-justamente na subsistência⁴¹, como diria Heidegger. A partir da realização do ser que o ente é, em sua aparência e aparição, o que há de fundamental no ente só pode ser, no seu *dasein*.

³⁹ HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n.3, 2007, p. 377.

⁴⁰ HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. São Paulo: Edições 70 - Almedina, 2010.

⁴¹ **Subsistência:** modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar desafiante se essencializa (HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, 2007 p. 383). Metáfora do avião utilizado por Heidegger (*Idem*): Na pista de decolagem ela (a máquina avião) permanece cedida apenas enquanto **subsistência**, na medida em que é solicitada pronta a fim de ser solicitada em toda sua estrutura, em cada uma das suas partes, isto é, deve estar pronta para a partida. Ainda segundo Heidegger: "Aquilo que subsiste no sentido de sub-sistência não nos está mais colocado diante de nós como objeto" (*Ibidem*, p. 383). Na condição de subsistência, o homem para desabrigar pode apenas representar, estruturar e cultivar.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica: livro I (décimo)**. São Paulo: Loyola, 2002.
- D'ALMEIDA, Tarcisio. **As roupas e o tempo**: uma filosofia da moda. Tese de Doutorado em Filosofia. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.
- GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda**. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- FAÇANHA, Astrid. A moda como campo do saber. **Anais do 7º Colóquio de Moda**, Maringá, 2011, pp. 1-11.
- HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. São Paulo: Vozes, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. Necessidade, estrutura e primado da questão do ser. In: **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: **HEIDEGGER, M. Caminhos de floresta**. GA 5. 2 ed. Trad.: Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012a, pp. 7-94.
- HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, 2007, pp. 375-98.
- PESSANHA, Garcia Juliano. Para humanizar Heidegger: três variações. **Revista Ideação**, São Paulo, n. 38, jul./dez. 2018, pp. 294-303.

Autora especialmente convidada.
Artigo recebido no segundo semestre de 2022.